

“O Vento dos Outros”

Estudos Interculturais aplicados ao Turismo



Discente:

Rita Costa, nº 2130791.

1. Introdução;
2. Pequeno Resumo;
3. O “Sagrado”;
4. O Olhar “Romântico” de Raquel Ochoa;
5. Um Índio e um Italiano na Costa Rica;
6. Diferenças Culturais;
7. A Realização de um Sonho – Machu Picchu;
8. A Força do Poder na Argentina;
9. O melhor dos dois Mundos;
10. O Despertar da Vontade de Viajar Através de um Livro;
11. O vento dos outros;
12. Conclusão.



1. Introdução:

No âmbito da disciplina de Estudos Interculturais aplicados ao Turismo, do curso Gestão de Atividades Turísticas, foi-nos proposto a realização de um trabalho individual no qual se tinha que relacionar a matéria dada ao longo do semestre com um livro.

O livro que escolhi chama-se “O Vento dos Outros”, da autora Raquel Ochoa.

Decidi dividir este trabalho em nove tópicos, começando com uma breve introdução ao livro e acabando, a meu ver, o porque deste livro ter o nome de “O Vento dos Outros”.

2. Pequeno Resumo:

Raquel Ochoa, com agora 35 anos, partiu de Lisboa, rumo à América do Sul, sem planos de viagens traçados. Visitou quatro países: Costa Rica, Peru, Chile e Argentina (Patagónia Argentina). Dentro desses países visitou várias cidades e regiões.

Nunca sabia qual seria a sua próxima paragem. O único sítio que sabia que tinha que ir era a Machu Picchu.

Fazia estas viagens normalmente sozinha. Encontrou três amigos na Costa Rica e passou alguns dias com eles, mas estes voltaram para Lisboa. Conheceu imensas pessoas que tiveram um grande impacto na sua vida. Fez uma amiga chamada Rita que era de Sintra. Até adotou um cão, por um breve período de tempo, enquanto estava no Chile ao qual deu o nome de “Pura Vida” (frase repetida pelo povo da Costa Rica). É desnecessário dizer que a separação não era fácil. Aprendeu que “viajar é perder pessoas”.

Mas mesmo assim, isso não era motivo para não continuar. No fim deste livro continuava a sua viagem para o Sul do Brasil.



3. O “Sagrado”:

Emile Durkheim argumentou que em todas as sociedades é feita uma distinção entre o que o sagrado e o profano. O seu estudo da vida religiosa argumenta que os rituais religiosos, objetos e crenças (o sagrado) são separados dos objetos e práticas da vida quotidiana (o profano). A função do sagrado é reunir as comunidades para afirmar crenças compartilhadas por meio da prática de atividades ritualísticas e cerimoniais. O profano não é marcado por este tratamento especial e é entendido pelo senso comum e experiência quotidiana. Para saber o que é sagrado, é necessário deixar a vida “normal” e experimentar o extraordinário.

Hoje em dia, podemos afirmar que o sagrado são as viagens. Os turistas de hoje em dia, são os peregrinos de anteriormente, ou seja, aqueles que procuram a autenticidade.

Para saber o que é sagrado, é necessário deixar a vida “normal” e experimentar a extraordinário.

A necessidade de viajar, a meu ver, vem de uma vontade muito grande de escapar ao “normal”.

Raquel Ochoa disse no seu livro: “Comia pouco e não sabia rezar. Tenho dúvidas, porém, se os viajantes deste mundo terão mais algum Deus sem ser o deles próprios.”. Esta frase sublinha muito bem a forma como os viajantes vêem agora o sagrado.



4. O Olhar “Romântico” de Raquel Ochoa:

Aprendemos que é muitas vezes feita a distinção entre "turista" e "viajantes". Assim, posso dizer que Raquel era viajante.

Os viajantes visitam lugares à procura do autêntico e são mais parecidos com os peregrinos de antigamente, procurando entender e participar nas culturas que visitam. Enquanto que os turistas procuram o lazer e a diversão na companhia de outras pessoas e preferem atividades superficiais, triviais e não autênticas, fornecidas pela indústria do turismo.

A ideia central do turismo é a experiência do olhar. Assim, Urry identificou dois modelos de olhar que podem ser alinhados com as distinções feitas entre 'viajantes' e 'turistas'. Estes são o "romântico" (viajante) e do "coletivo" (turista). O olhar romântico exige solidão, privacidade e uma relação pessoal com o objeto a ser analisado.

É este o olhar de Raquel, como posso provar com as seguintes passagens do livro: “Observei as montanhas com calma, sem qualquer presença humana excluindo a minha própria e só aí comecei a entender...”, “Tratava-se de uma zona muito especial, toda e qualquer pessoa que aqui vem de coração aberto sente-a como uma experiência normalmente difícil de partilhar com quem não teve o mesmo olhar sobre as coisas” e “Parecia ameaçadora, por ser cruz naquele cimo tão erradicado, como se fosse o sinal de órbita do próprio monte. Todavia, para qualquer pessoa atenta, era inegável a localização perfeita para uma grande vista. E o amor à paisagem falava mais alto...”.

Várias características ilustradas neste livro fazem com que eu a identifique como “viajante”. Raquel parte sozinha rumo ao desconhecido e apesar de ir conhecendo algumas pessoas ao longo da viagem, parte sempre sozinha.

Conta também que tinha que olhar sempre para o céu porque “Como sempre, andava sem relógio (...)”. Não gostava de relógios porque pensava que faziam pressão quando viajava.

Podemos também encontrar vestígios dos modos de motivação turística, definidos por Cohen: Modo Experiencial, Modo Experimental e Modo Existencial.

O primeiro pode-se encontrar ao longo do livro. Quem se desloca com motivo a experiência são aqueles que desejam experienciar a estranheza e a novidade de outras paisagens, modos de vida e culturas, talvez por causa de um sentimento de que a vida quotidiana é superficial e sem sentido. Tais pessoas contentam-se em observar e obter prazer a partir do facto de que outras culturas operam de forma diferente. Uma passagem comprovativa é: “Observava aquela cadeia montanhosa com gula, como se consumir



montanhas pudesse acalmar-me de alguma maneira. Queria as todas e ali era só o começo. É interessante do que retiramos dos panoramas da natureza, assim em estado puro. Parece que nos lembramos melhor de onde vimos.”.

As pessoas que têm como motivação experimentar e participam nas outras culturas, mas não podem comprometer-se a qualquer estilo de vida particular, estão inseridas no modo experimental. Por exemplo, a autora do livro escolhe tours que dêem para realmente experimentar outros modos de vida de povos culturalmente muito diferentes, como por exemplo, na seguinte passagem: “O tour estava organizado para pernoitarmos nesta ilha, acolhidos pelas famílias residentes em suas próprias casas, participando assim realisticamente no quotidiano daquela população que vive numa aldeia remota, esta agarrada à terra.”.

E por fim o modo existencial. Uma pessoa procura a realização dos seus desejos da simplicidade e da proximidade com a natureza. Existem várias passagens que demonstram esta atitude de viajar da autora: “O silêncio de um vulcão morto, habitado por um lago verde, é um transformador de consciência. Dava a impressão que estávamos sozinhos no universo e que para lá daquela encosta não existia mais nada, como se o adormecimento do fogo e da lava fosse mais pesadamente destruição, mesmo proporcionando uma reprodução do que mais belo tem a natureza.”, “Quando alcancei a última plataforma de rochas e de relance vislumbrei o que era aquele local, deixei descair o queixo naturalmente, qual reflexo involuntário da sensibilidade humana perante a magia em estado sólido. Não é possível descrever o que a Patagónia faz com os elementos. A exposição seria tao lírica e a reação dos que àquilo assistem é tao brusca que não acredito existirem palavras de equilíbrio entre as duas. Há quem pareça ter visto um fantasma...”, entre outras.

O que retirei do livro, relativamente a esta matéria, é que o modo experimental, experiencial e existencial, andam, de certa forma, juntos. A meu ver, uma pessoa tem que experimentar para experienciar e tem que experienciar para conseguir observar o real. Lembrar também que uma só pessoa pode-se inserir em todos os modos de motivação ao longo da sua vida.



5. Um Índio e um Italiano na Costa Rica:

Aqueles com o desejo de experienciar algo que é diferente do seu quotidiano, dão por si a desejar viver noutras situações culturais. Quando a sociedade em que estão inseridos não lhes faz sentido, procuram, numa outra, algo diferente e que percebam.

Neste livro consegui encontrar duas pessoas com este desejo de pertença numa outra cultura.

O primeiro chamava-se Nico e era um caça-turistas. A autora conheceu-o em Santa Elena, na Costa Rica. Nico era um índio, um nativo-americano.

Raquel contou que “Aos 16 anos decidira conhecer para lá do seu mundo.”. E quando quis voltar à sua aldeia de origem “ não fora aceite pelos seus patrícios”. Explicou que foi na sua própria casa que entendeu os prejuízos da intolerância e que, apesar do medo que tomou conta dele após sair da sua aldeia, bastou dar uma corrida pela floresta para todos os seus medos desaparecerem.

Apesar de estar inserido numa cultura diferente há já algum tempo, admitiu que só sabia contar até dez: “O seu povo só contava até 10. Todas as quantidades seguintes se designavam por infinito...”.

Raquel conta ainda que “A forma como questionava a vida, com tamanha liberdade e desprendimento autenticava a ascendência genuinamente nativa. Era um índio viajado, um turbilhão de conhecimento que partilhava sem o mínimo de reserva.”. A prova deste turbilhão de conhecimento está presente quando soube que a autora era portuguesa, pois lembrou-se logo do “Memorial do Convento” de José Saramago, onde aproveitou para partilhar algumas considerações sobre este livro.

A autora conheceu também Jerry, um italiano que se tinha mudado para Cahuita há cerca de um ano e trabalhava como rececionista.

Jerry explicou que: “O Caribe era uma vivência diferente, ausente dos preceitos europeus e, por mais tribal e espontânea que seja, não é possível evitar algumas saudades, mesmo que seja simplesmente um sentimento revivalista, da maneira de estar europeia. No entanto, não tencionava voltar tão cedo a Milão. Parecia-lhe um disparate viver quase todo o ano em clima de inverno, parecia-lhe um disparate trabalhar tantas horas, tantos dias por ano, parecia-lhe um disparate ter uma vida tao afastada da natureza.”

Conseguimos ver, nestes dois casos, duas pessoas que não se sentiam confortáveis no meio ambiente em que estavam envolvidos.



Por vezes, parece que a identidade pessoal está escondida ou oprimida pelas exigências dos papéis sociais ou das convenções culturais. A individualidade única do sujeito deve ser exprimida e protegida. As vezes é necessário sair de “casa”, ou seja, do país, ou da cidade, ou da região, ou da cultura de origem para se sentirem finalmente bem consigo próprios, para se sentirem por fim em “casa”.

Tanto Nico como Jerry, apesarem de ser pessoas completamente diferentes, tinham uma maneira de ver o mundo que era diferente da maneira que a cultura deles o vêem.



6. Diferenças Culturais:

A cultura, segundo Raymond Williams, é um sistema de expressão de significados e ideias, não só através da arte e da aprendizagem escolar ou académica, mas também através dos comportamentos normais do quotidiano comum.

Visitar a América do Sul não é como visitar um país do Primeiro Mundo. O choque cultural era constante. Raquel não ficava em hotéis de cinco estrelas ou em resorts. Ela preferia as residências ou hospedagens. Isso obrigava-a a realmente conhecer cada cidade. Não se podia, nem queria esconder.

A sua viagem começou em Costa Rica. Ficou algum tempo em Caribe.

Explicou que “(...) a cultura afro-caribenha, deriva de uma mescla de raças, desde os crioulos das misturas raciais africanas; os europeus; e os mestiços, descendentes do ancestrais povoadores de sangue ameríndio; ou até mesmo Asiáticos, sobretudo chineses, uma comunidade com uma expressão considerável nesta parte do Atlântico. Além de todos estes, vivem ainda nas montanhas de Talamancas cerca de 4000 indígenas das tribos Bribri e Cabecar.” - Uma verdadeira junção de culturas.

Explicou também a Cultura Rastafari e como nasceu como manifestação contra a opressão colonizadora: “(...) a partir de 1825 verificou-se uma grande emigração da Jamaica (...). Assim sendo, Limón, Puerto Viejo e Cahuita são palco das raízes ancestrais predominantemente jamaicanas refletidas na cultura Rastafari, que remontam há dez mil anos atrás, manifestando-se através dos ritmos que definem o seu estilo de vida, uma vez que a expressão artística, o reggae, o calypso, as rastas, incorporam o ambiente. O que começou como uma forma de protesto contra a opressão colonizadora extrapolou para a comunicação artística impregnada de críticas, com o objetivo de criar consciência racial. Porém, de algum modo esta mistura gerou uma sociedade conturbada, que em certas zonas se manifesta numa absurda tensão.”. Todas as tradições ou características de uma cultura começam de alguma forma. A cultura de um local não existe desde sempre (apesar que, em alguns sítios, principalmente na Europa, parecer que sim). Há uma razão de se fazer determinada coisa daquela maneira. Neste caso, o que hoje parece ser uma cultura calma, começou por ser uma maneira de manifestação.

Rumou a Limón (uma importante cidade da Costa Rica) onde descobriu a desconfiança da população: “ (...) descobrimos uma cidade de casas encavalitadas, trânsito agressivo, onde as pessoas, se não tinham uma atitude violenta, demonstravam-se desconfiadas.”. A população local não gostava de turistas, aliás, “ (...) o simples passear na rua instigava-lhes a ira (...)”.



A seguir, decidiu continuar a sua viagem e ir para Peru. Ficou em Lima durante alguns dias. É importante lembrar que estes países estão em desenvolvimento e que há graves problemas de desigualdade social e económica.

Raquel conheceu um rapaz novo muito curioso, chamado Júlio. Queria saber de onde vinha e onde já tinha ido. Queria saber todos os pormenores. Júlio disse: “Falares comigo sobre o teu País e Continente, são a única oportunidade que tenho de viajar até lá...”. Este rapaz, provavelmente, apenas será uma pessoa que recebe turistas. Nunca irá ser um turista ou um viajante.

Em Chosiva (ainda no Peru) falou de como os residentes olhavam para os estrangeiros: “O povo é muito fechado, nunca nos cruzamos com nenhum estrangeiro e o grau de simpatia para com o forasteiro, em atos tão simples como partilhar um transporte público, traduzia-se numa total indiferença, como se fôssemos invisíveis. E seres invisíveis não têm os mesmos direitos que as pessoas normais...” e “Éramos alvo de uma raiva completamente ininteligível (...)”. Povos que não beneficiam financeiramente do turismo, ou até mesmo, quase que não conhecem o que é realmente o turismo, irão ver os visitantes como indesejáveis.

Foi a Marcahuasi, que no seu planalto se pode encontrar uma série de pedras que fazem lembrar a Ilha da Páscoa. Contou dois dos mitos que circulam naquele lugar: “Daniel Ruzo (filósofo) elaborou uma teoria em que defende que no mundo já existiram cinco humanidades, como se de cinco raças distintas se tratassem. (...) Segundo o pesquisador, Marcahuasi é o templo de pedra de uma antiga civilização que poderá conter o plano secreto da entrada de uma caverna subterrânea que serviu de refúgio aos sobreviventes do dilúvio dos tempos de Noé. Por outro lado, há quem diga também que os deuses das montanhas se petrificaram, tomando formas humanas e zoomorfas para custodiar os segredos que aquele lugar parece guardar.”. Quando não há escrituras que comprovem a verdade, inventa-se (aliás, isso também é um problema em Portugal).

Quando estava em S. Pedro da Casta (Peru) deu por si numa situação um tanto estranha: “ (...) reparamos que um grupo de gente caminhava vagarosamente, acompanhando uma marcha funerária. Fazia questão que participasse-mos no enterro e começou a descer enquanto nos chamava. Seguimo-la até à porta do cemitério. Seriam umas vinte pessoas atrás do caixão suspenso em braços. Uma banda tocava com pandeiretas, saxofones, acordeão e trombone. Ninguém parecia triste à exceção de três pessoas que choravam. A música eclodia no ar sem deixar ninguém indiferente, era impossível perante tamanha comemoração. Foi o primeiro funeral que vi deste género, mais alguns cruzar-se-iam comigo. Mas este desconcertou-me totalmente.”. Este acontecimento lembrou-lhe o México que “ é comum as pessoas embriagarem-se nos velórios com a bebida preferida do falecido. Garrafas dessa



bebida são introduzidas no caixão para que possa entrar no outro mundo com tudo o que gosta, no estado de espírito mais alegre que o acompanhou em vida.”.

É difícil para nós europeus ocidentais aceitar que num funeral haja tanto barulho, pessoas a rir às gargalhadas. É nos difícil reconhecer que a dor é passível de ser manifestada de muitas formas e que um último adeus realizado com alegria possa, de um certo ponto de vista, ser bastante mais lógico do que com amargura.

Quando foi para o Chile (um país um pouco mais desenvolvido que os outros dois), reparou que a força de um evento cultural e religioso (porque a cultura e a religião estão sempre de mãos dadas): “ (...) La Tirana, a famosa aldeia que recebe em meados de julho uma das maiores festas religiosas do país. É invadida por 80 mil peregrinos (a população residente é de 600) vestidos com mascaras e trajes coloridos. Através de fotografias, vi o aspeto da festa, as mascaras são inspiradas em dragões e diabos e os peregrinos pagam as suas promessas à virgem Carmén com risos tresloucados.”.

Assim, aqueles destinos que, através dos eventos culturais, preservam e comemoram as suas singularidades produzem uma melhor vivência ao visitante e um maior benefício para a comunidade local. De facto, em muitas regiões e localidades, as tradições culturais sobrevivem e são renovadas devido ao interesse despertado pelos turistas. Os eventos culturais podem também ser um elemento valorizador das tradições locais, preservando e difundindo a herança cultural. Por outro lado, ao exporem a cultura local ou regional aos outros podem ameaçar a sua continuidade, por pressões de comercialização.

É também interessante ver este evento religioso como um evento cultural. É cada vez mais difícil separar a religião e a cultura. É praticamente indistinguível o comportamento do peregrino atual e do turista, já que a peregrinação muitas vezes convida ao turismo, enquanto que o turismo oferece a possibilidade de experiências de peregrinação.

Por fim, na Patagónia Argentina começou a aceitar mais facilmente as diferenças culturais: “Começava a ter noção de quão diferentes são entre si aqueles países, das diferenças entre os povos, bem como de quão fictícias são por vezes as fronteiras. O pormenor que saltava à vista, era a mistura de sangues, a misturas de raças.”.



7. A Realização de um Sonho – Machu Picchu:

Machu Picchu era o único local onde a autora tinha a certeza que queria ir. Sabia que quando finalmente chegasse ao Peru, tinha que ir a Machu Picchu.

Machu Picchu que significa “velha montanha”, também conhecida como a “cidade perdida dos Incas”, é local mais visitado do Peru.

Pode-se ir de camioneta ou fazer o caminho dos Incas (que demora quatro dias). A autora escolheu fazer o caminho dos Incas.

Caminhar para lá não era fácil, mas para Raquel, o chamamento para aquela cidade era maior que qualquer dor ou cansaço.

Não descreve o local, descreve sim, o que sentiu naquela cidade: “Ficaria horas ali em cima. Todos os mitos e descrições ocultas que existem sobre este lugar, não superam o impacto que cada um sente ao vislumbram tamanha intensidade de paisagem. Poucos lugares no mundo aliam tao perfeitamente a natureza, a localização e o legado de uma civilização que se respeita pelo que se conta e pelo mistério que perdurará à sua volta.”.

Estava desejava por saber da descrição de Machu Picchu aos olhos da autora. Raquel descrevia todos os locais por onde passava e por isso fiquei surpreendida como o que ela escreveu. Apenas duas páginas falavam sobre Machu Picchu.

Raquel optou por deixar as características desta cidade perdida à imaginação do leitor para que, quando finalmente tivessem a oportunidade de ir lá, fiquem tão maravilhados como ela ficou.

Escreveu: “Sei que em qualquer momento, ainda agora, se fechar os olhos, é fácil transportar-me para lá, como se tivesse lá vivido toda a minha vida. Como se nunca de lá tivesse saído.”.

De todas as cidades que visitou, esta foi sem dúvida, a que lhe deixou sem palavras.



8. A Força do Poder na Argentina:

A Argentina é um país com grandes desigualdades sociais e culturais, apesar de ser o país mais visitado da América do Sul (segundo dados da Organização Mundial do Turismo).

Buenos Aires (a capital) é o principal foco de atração para turistas que escolhem ir à Argentina. No entanto, estes nunca irão perceber o que realmente se passa neste país.

Escolhem ficar dentro das fronteiras do turismo (como por exemplo, num resort) e não apreciam realmente a cultura desse local. Dentro deste espaço físico delimitado, irão ver espetáculos de tango e aproveitar o sol. (Podemos assim ver outra diferença entre os visitantes e os viajantes. O viajante nunca se limitaria às fronteiras criadas pelo turismo.)

As percepções dos turistas e dos residentes não são as mesmas, porque o que para os turistas é uma zona de lazer e exotismo, para os nativos é um local de trabalho. O que é anunciado como intocada e desconhecida tem realmente sido cuidadosamente fabricados e vendidos. Mas o problema é que a maior parte das pessoas que beneficiam economicamente do turismo na Argentina, não são os residentes. São os ocidentais, que compram ou constroem resorts e que raramente precisam da população (talvez precisem dela para uma demonstração de tango...).

Talvez, se os residentes conseguissem participar mais na indústria do turismo, estes países poderiam ser mais calmos porque as pessoas que beneficiam economicamente do turismo aceitam e acolhem as mudanças. Aqueles que não beneficiam irão ver os turistas como indesejáveis e o irão rejeitar qualquer tipo de turismo.

O turismo internacional pode ajudar a reviver ou preservar as identidades culturais que estão ameaçadas por projetos de modernização ou marginalização política, esses benefícios podem vir a um preço.

As desigualdades fazem-se principalmente sentir nas regiões periféricas.

A autora comenta: “Alguns dos governantes destes países (países da América do Sul) cumpriram eficazmente a função de dispensadores do património em troca de uma ganancia estranha de compreender. Ali mesmo ao lado de onde estava a passar, um território de 100 quilómetros de comprimento por 40 de largura, a fazenda “La Coronel” é propriedade dos magnatas da moda Italiana, os irmãos Benetton, o que independentemente da forma como é gerida, é aqui trazido para ilustrar como o dinheiro compra regiões, províncias, talvez nações. Falar com argentinos sobre política, por exemplo, é escutar incontáveis vezes a amargurada expressão “Traidor da Pátria”, como só estes tivessem conseguido chegar ao poder. Era neste



clima disfarçado pela grande empresa do turismo que me ia movendo, sorrateiramente, deixando-me viajar sem ambições de querer perceber mais do que era acessível, mas com a evidente constatação das desigualdades sociais e culturais.”.



9. O melhor dos dois Mundos:

Ao longo deste livro li inúmeras passagens que davam conta da globalização, mesmo nas regiões mais pequenas. Por vezes esquecemo-nos que uma cultura, apesar de estar entranhada nestes povos, sofre mudanças. Não devemos assumir uma posição em que as culturas tradicionais são vistas como congeladas no tempo, para ser mantida a todo custo e que o tradicional é sempre positivo e o moderno sempre negativo. Os povos que tenham acesso aos meios de comunicação irão aprender sobre os estilos de vida dos ocidentais e certos hábitos podem ser incorporados nas culturas.

Enquanto a autora estava em Altos del Vilcray no Chile, conheceu um senhor que trabalha na montanha e demonstrava a globalização por completo: “D. Clement podia ser apaixonado pela solidão da montanha, mas de eremita tinha muito pouco. Estava ligado à sociedade através de três telemóveis, Internet, televisão e foguetes de sinalização, o único meio de comunicação eficaz, por vezes, nos quatro meses de Inverno. Mais o menino dos seus olhos, o Rádio-Amador, através do qual comunica para todo o mundo.”

A globalização fez com que outros povos, de locais remotos, pudessem ter acesso à informação e a tecnologias proveniente de outros países “mais civilizados”.



10. O Despertar da Vontade de Viajar Através de um Livro:

De uma forma de conclusão, decidi falar do impacto que a televisão, os filmes, a publicidade e os livros têm quando vamos escolher um sítio para visitar.

Com o turismo cada vez mais massificado, é natural que tenhamos imagens já pré concebidas sobre certos locais. Paris, é a cidade do amor, e quando se vai lá é imperativo que se vá ver a Torre Eiffel. E quando nos vêm à cabeça a Índia, a única coisa que nos lembramos, é o Taj Mahal e o caril. Todas estas imagens estão tão entranhadas na nossa mente, que quando finalmente chegamos ao destino escolhido, percebemos o verdadeiro mundo da indústria turística. Isto é, nem tudo o que parece é.

Talvez por falta de pesquisa ou apenas ingenuidade, muitos turistas sofrem um grande choque cultural quando chegam a um determinado local.

O oriente é representado pelas agências turísticas como um local exótico. Aliás, basta procurar no motor de busca “Google” a Índia, para aparecerem uma série de publicidades a este País, com normalmente os seguintes slogans: “Incrível Índia”, “Exótica Índia” “A mística Índia”. E os turistas vão para poderem experienciar o exótico. Os povos desses locais irão servir os turistas. Aqui os turistas não têm medo deles e até gostam de os ver. O que é estranho é que muitas pessoas do oriente emigram para cidades em países desenvolvidos à procura de melhores condições de vida, e aí os residentes não gostam tanto deles. O “outro” no seu país de origem é exótico, é domesticado, é o “bom selvagem”. O “outro” nos países desenvolvidos sofrem discriminação e ódio.

Talvez devesse-mos pôr todas as imagens construídas pelos “media” e pelas agência de viagens de parte e começar a fazer a nossa própria pesquisa.

Os livros sempre foram uma boa maneira de descobrir um país. Não são aqueles livros escritos em muitas línguas que falam sobre a história, a economia, a moeda e as cidades (estes na verdade dão muito jeito, mas não servem para saber mesmo a verdade de um País), mas sim os livros escritos por autores que tenham realmente viajado para lá. Também não pode ser um autor qualquer, tem que ser um com um olhar “romântico”, tem que ser um viajante.

A partir destes livros poderemos viajar com eles. Aliás, a própria autora do livro “Vento dos Outros” escreveu: “O Lituma de Andes fora um livro que lera há uns anos, e me recordava de repente que já tinha de alguma forma viajado pelo Peru. Mas agora estava in loco, sentia o



cheiro deles, tinha a oportunidade de entender em que frequência vive este povo, definitivamente diferente de qualquer outro com quem tenha contactado até então.”.

Assim, pessoas que gostam de ler livros, já viajaram para certos locais, talvez de uma maneira mais verdadeira do que aquela que nos é passada na televisão (Sim, sou daquelas pessoas que pensa que os livros são sempre muito melhores que os filmes!).

No entanto, todas estas formas de “passar a mensagem” sobre um local têm algo em comum: despertam o bichinho de viajar.

Com este livro, fiquei com uma curiosidade maior de visitar Machu Picchu. A maneira como a autora descreveu, não tanto o local em si, mas mais o sentimento que teve quando lá esteve, fez com que a minha vontade de viajar e conhecer o Mundo aumenta-se.



11. O vento dos outros:

Por fim, queria também fazer uma referência ao título do livro: “O vento dos outros”. Este é por si só um resumo das diferenças que podemos encontrar entre os vários países, povos e culturas.

“O vento dos outros” é com certeza diferente do “nosso” vento, porque a forma de sentir, de pensar e de fazer varia de acordo com o espaço, a história, a cultura, a tradição, o ambiente, a economia, a vida social e a política. Quanto mais viajarmos, mais aprendemos, mais conhecemos e ficamos mais compreensivos e mais recetivos a outras culturas.

Só viajando é que conseguimos ser verdadeiramente livres. Viajar é ser “um pouco de vento” e aos poucos o vento “dos outros” torna-se também no “nosso” vento.



12. Conclusão:

Este trabalho proporcionou-me uma melhor compreensão sobre a matéria que foi dada ao longo do semestre.

Uma das principais vantagens da elaboração deste trabalho reside no facto de conseguir perceber e perder o medo de viajar para locais mais estranhos e menos mediáticos. Perder o medo de viajar sozinha.

A disciplina Estudos Interculturais Aplicados ao Turismo fez com que eu reflectisse sobre a realidade intercultural e que me tornasse uma pessoa mais acolhedora face a outras culturas

No seu geral, a realização deste trabalho foi um estudo muito interessante e definitivamente instrutivo, elevando o grau de conhecimento da matéria estudada.

